

Vida Fake e auto-realidade: pós-verdade, antipolítica e estratégias de (re)informação

Pesquisador: Benito Eduardo Araujo Maeso
Supervisora: Prof^a Dr^a Marilena de Souza Chaui

Resumo

A ideia inicial do projeto é compreender as características e estratégias que fornecem aos discursos populistas-autoritários seu poder de sedução, ao ponto em que é mais simples para uma pessoa aceitar uma informação claramente falsa do que outra ancorada em fatos. É possível imaginar que não existem mais nem as “verdades” nem as interpretações, pois até estas ainda referem-se a um real/concreto que seria o objeto interpretável. O chamado *fake* tornou-se o concreto, possuindo dimensão material e efeitos na chamada realidade. Assim, é preciso entender este processo e o que há por detrás dos discursos e práticas da dita *alt-right*, ou seja, a maneira pela qual operações psicológicas alimentam o ressentimento latente na sociedade e a mentalidade de competição de todos contra todos. Pós-verdade, ressentimento e antipolítica criam as condições para o estabelecimento de uma vida *fake* (o que é visível desde os movimentos antivacinas e terraplanistas até as tentativas forçadas de reencantamento do presente – mesmo em discursos tidos como de esquerda). A questão que move o desfecho do projeto é se, a partir deste levantamento de dados e estudo das condições materiais do presente, é possível entender como este processo de falsificação da vida ocorre e como seria possível o estabelecimento de estratégias e táticas de ação que permitam reconectar as pessoas e combater o *ethos* autoritário da sociedade.

Introdução

Que prazer é esse que há no ódio?
TIBURI, M. – *tweet* de 23/07/2019

Presencia-se uma guerra contra o conhecimento organizado. De forma diversa das utopias da pós-modernidade, não é o caso do estabelecimento de um novo conjunto de lógicas ou modos de pensamento, até porque desde o advento da lógica aristotélica, ou seja, desde o encarceramento do homem em suas abstrações, não se teve notícia de tanto sucesso em um sistema.

O que vemos é uma tentativa deliberada de destruição não só da organização do saber mas também dos objetos que seriam organizados pelos saberes. Se isso é visível na recusa e na negação de fatos e eventos

que, até algumas décadas atrás, seriam impensáveis (como vemos na ascensão dos *antivaxxers* e dos terraplanistas), também está presente até mesmo nas tentativas de explicar o presente (ou apontar soluções para seus problemas) que apelam a pensamentos que se pressupõem livres de relações com o que se convencionou chamar de “eurocentrismo” ou com o apelo ao retorno da magia e da explicação fantástica do mundo como as reais produtoras e substitutas apropriadas do que chamamos de ciência.

No caos resultante, por um lado, dessa insuficiência de respostas universais e, por outro, da impossibilidade das interpretações e das fenomenologias darem conta do desejo humano por estruturar o pensar dentro de uma lógica sistêmica, presencia-se um curto-circuito que atinge não apenas o que definimos como saber como também atravessa a dimensão sociopolítica de todo grupo social, mesmo que este tenha o tamanho de um indivíduo.

A tentativa de reencantamento do mundo pode ser um dos elementos responsáveis pelo renascimento ou re-exibição das práticas populistas e autoritárias nas sociedades contemporâneas. O retorno do mítico (ou do mito, em se tratando da realidade brasileira) cria o espaço imaginário no qual homens e mulheres ditos “comuns” sentem-se representados e empoderados. Não importa o quanto um governante mostre-se um imbecil, ele sempre será visto, por seus apoiadores, como alguém autêntico, um ser que rompe a linha fina entre o privado e o público, ou seja, alguém tão *real* como ele ou ela mesma, dentro do conceito de “pequeno grande homem” conforme definido por Adorno (2015, p.172).

Os populismos atuais encontram terreno fértil para crescerem neste cenário, mas, para além disso, são eles mesmos esse cenário, comandado por demandas fractadas que só conseguem se agrupar em um foco de coesão que é o mercado ou, melhor dizendo, o consumo. Autoritarismo, capital e obscurantismo formam e são formados por um indivíduo que é sujeito e sujeitado do processo. Esse indivíduo se vê forçado a se curvar perante uma demanda cada vez maior de bens, em sua maioria inúteis, mas que por um artifício da propaganda, se tornam altamente necessários e, por vezes, pretensamente “vitais”.

O que faz com que o obscurantismo intelectual ande de mãos dadas com a opressão do indivíduo é um problema que atravessa a contemporaneidade e que já foi tangenciado de diversas formas. A definição de fascismo dada por Foucault parece explicar o funcionamento desse mecanismo: o desejo por pertencer às cadeias que oprimem o indivíduo durante a vigência do próprio processo de opressão faz com que este recuse os saberes organizados por outras formas de pensar. Mas consideramos que há mais em jogo do que esta pulsão por ser dominado, pois qualquer desejo pode ser direcionado ou produzido sob demanda (e esta manipulação de desejo e medo – *psy-ops* - é parte do que se convencionou chamar de Guerra Híbrida).

Nossa proposta, neste projeto, é entender os motivos pelos quais a produção, compartilhamento e recepção de informações que não se sustentam na realidade (aquilo que convencionou-se chamar de *fake news*) tornaram-se cruciais para a produção de um modo de vida que, em si, é o próprio autoritarismo que hoje se mostra espalhado pela sociedade. Acreditamos que o *fake* tornou-se um modo de vida, e que isso foi deliberadamente produzido por atores políticos, sociais e econômicos interessados no aprofundamento da aliança entre capitalismo e autoritarismo populista. A esfera pública democrática tornou-se um empecilho para os negócios.

Propomos os conceitos de *fake life* e *Auto-realidade* para definir o processo pelo qual passam indivíduos e sociedades que precisam lidar com a ascensão do autoritarismo no macro (por meio de seus governantes) e no micro (nas suas relações sociais). Este último conceito pretende dar conta do processo pelo qual a pessoa cria sua percepção do mundo que a cerca a partir do empresariamento de si mesma (característica fulcral do neoliberalismo) e da negação deliberada e consciente do Outro. O *self* passa a ser definido pela negação de qualquer atitude ou pensamento que contrarie emoções e opiniões estabelecidas no próprio indivíduo. Já o primeiro conceito significa que as relações sociais, ao serem impregnadas por essa lógica, acabam condicionando o indivíduo a somente agir dentro de tais parâmetros, criando uma bolha social na qual todas as suas opiniões já se encontram previamente referendadas.

Isso significa que, com o uso do estímulo e da linguagem certas, opiniões e pensamentos diferentes acabam por se amalgamar a esse conjunto de pré-conceitos carregado pelo indivíduo. Se isso é usado hoje para promover o autoritarismo, pode ser subvertido para criar o efeito contrário. Juntamente e a partir da compreensão dos mecanismos de manipulação discursiva e prática que são operados nesse processo, buscar-se-ão formas e táticas de subversão de tais formas sociais, tendo como campo de estudo a maneira com a qual estudantes secundaristas lidam com a ascensão deste *ethos* totalitário em seu dia a dia, nos campos discursivo e prático.

Justificativa

Considerando-se a dissolução acentuada do tecido social no Brasil e em outras partes do mundo, é fundamental debruçar-se sobre os processos de produção de informações, consensos, discursos e ideologias na Sociedade da Informação (ou Sociedade de Controle) e seus impactos sobre a construção das subjetividades. É um ponto de partida a hipótese de que os processos de radicalização social tem causas econômicas, informacionais e psicossociais que somente podem ser devidamente tangenciadas com a articulação entre os conceitos e sistemas filosóficos expostos neste projeto, visto que, adaptando livremente um pensamento de Adorno em sua aula inaugural de 1931 “Atualidade da Filosofia”, é a partir dos problemas do mundo – e de sua imbricação contínua e constante – que os problemas da filosofia se revelam. Novos tempos, com mudanças nos modos de produção econômico, cultural e social, exigem um intenso trabalho de reflexão filosófica.

Hipóteses iniciais

Ao analisar o desejo, Deleuze observa o papel das microformações sociais em sua constituição. O desejo é inseparável de agenciamentos complexos que, em um movimento de retroalimentação, direcionam o desejo e são direcionados por este. À questão de como podemos desejar nossa própria opressão, Deleuze dirá que o microfascismo é a chave: o fato de que os desejos a nível molecular são atravessados pelas relações sociais e

personais, de alto poder de moldagem e persuasão e que, de certa forma, estão sempre tendendo a criar mecanismos de opressão de si e dos demais.

O cenário de conflito de todos contra todos presente nas sociedades atuais parece indicar que tais mecanismos sofreram uma modificação qualitativa: não é a massa que se encontra iludida por uma falsa consciência, mas um impulso de cada indivíduo (que ocupa uma dupla posição como pessoa e como integrante de um grupo) em construir para si um sistema-mundo no qual o único referencial de verdade, segurança e realidade seja ele mesmo.

Se o neoliberalismo criou a figura do empresário de si, o indivíduo alçado à posição de *work in progress*, seria possível estender este raciocínio à produção não apenas da subjetividade, mas da relação entre indivíduo e mundo. A economia prega a liberdade de concorrência do mercado como princípio fundante de todo o escopo das relações humanas e os indivíduos passam a operar dentro desta lógica. Se a produção de valor desloca-se do tangível ao intangível ou especulativo, a mercadoria passa a ter um caráter rarefeito, que acaba por tangibilizar-se não apenas no trabalho executado para sua produção, mas no próprio trabalhador. Daí deriva a ideia do empresário de si, que oferta habilidades no mercado social.

Ser um empresário de si significa uma mudança radical nos modos de socialização e na relação humano-trabalho, além das formas de compreensão de si mesmo e da subjetividade. Uma sociedade construída sob este molde é aquela na qual a mentalidade do empreendedor e do desempenho máximo está presente e operante em todos os campos da vida (ensino, trabalho, relações pessoais e sociais, sexualidade, saúde, etc.), uma sociedade que é, em resumo, uma empresa formada por um conjunto de empresas (os indivíduos).

Assim, cada um de nós é uma empresa competindo no mercado ao qual toda a sociedade foi subsumida. A tensão que move o social é o tênue equilíbrio entre fomentar a competição entre os integrantes do grupo sem que a guerra comercial de todos contra todos desemboque num confronto *de facto*.

Para evitar o caos, a máscara ideológica se sofisticou: o *ethos* que move o empreendedorismo, a sociedade da concorrência de todos contra

todos baseia-se na leitura extrema do pensamento liberal na qual o estado natural é a competição, o jogo. É uma ética do guerreiro, do vencedor, do vigor, da força e do sucesso como sinônimo de existência que vale a pena.

A questão prática é que esse equilíbrio tende a desaparecer, e a guerra comercial torna-se a guerra total, alimentada pela necessidade da criação da ilusão de triunfo do indivíduo-empresário nesse *ethos* competitivo. A promoção da ideia de que o esforço individual é o suficiente para triunfar esbarra na impossibilidade de sua premissa se realizar, o que atira o indivíduo em um duplo movimento de fadiga em relação à exigência desta produtividade extrema e a cristalização de uma subjetividade na qual a negação do diferente torna-se uma estratégia de sobrevivência pessoal.

Se a definição do termo fascismo se expandiu para além de um sistema político ou um estágio específico do capitalismo, abarcando todo ato de autoritarismo e de negação da alteridade, pode-se dizer que assiste-se o surgimento do fascista de si, alguém que oprime a multiplicidade em si mesmo a tal ponto que torna-se avesso a tudo que for diferente do modelo que adota como certo¹. Como este modelo é sempre autorreferente, há a dificuldade de lidar com toda diversidade de pensamento e ação, não importando o posicionamento no espectro político ou a bandeira social e econômica levantada.

Não se trata apenas de servidão voluntária, mas de opressão voluntária, disfarçada como liberdade de decisão: a escolha livre da forma pela qual abdica-se da liberdade e conforma-se ao padrão. Não é necessário um líder que emane as qualidades com as quais as massas se identificarão: o messias ou líder é que precisa se identificar com cada indivíduo, catalisando a insatisfação individual e geral que cada um alimenta em relação aos demais, quando estes não seguem ou agem dentro do comportamento esperado (identitário a si), mas também a insatisfação consigo mesmo pela possibilidade de frustração deste modelo. Por isso, na política contemporânea é possível ver a substituição constante das figuras de admiração quando elas, de alguma forma, agem fora do desejado.

¹ A personalidade autoritária, identitária e excudente, conforme definida por ADORNO (2019), pode ser encontrada em todos os cantos dos espectros políticos e ideológicos.

No processo de afirmação deste identitarismo extremado, a forma mais eficaz de lidar com a diferença (seja esta a nível social, pessoal ou econômica) é sua negação direta. Porém, tal negação do Outro opera simultaneamente a construção de um único parâmetro de referência: o si-mesmo como a negação das negações realizadas. A verdade sobre si – e, conseqüentemente, sobre o mundo e o Outro – é o que o sujeito escolhe que seja verdadeiro, a partir do que busca rechaçar. O “cidadão de bem” não é definido pela afirmação de certo conjunto de virtudes, mas pela recusa dos valores associados ao “inimigo” – sejam estes quais forem, da ciência e conhecimento aos direitos humanos.

O hiper, ou n+1

Porém, isso não significa que o mundo do cidadão de bem é mais limitado do que o de seus inimigos. A dita pobreza de mundo das classes reacionárias, tidas como bitoladas, é um julgamento apressado. Um mundo baseado em uma grande recusa (a recusa de tudo o que é dado como possível, ainda que apenas em imaginação) não é mais pobre, mas mais rico do que o comumente aceito. Afinal, é o mundo inteiro (ou *n*) que passa pelo filtro do umbigo do indivíduo.

Já nas análises sobre o mundo administrado, Adorno observa que uma das principais características desse modelo é a perene sensação de desconfiança que os indivíduos desenvolvem em relação às instituições e ao que é chamado de sistema pelo autor. Tal desconfiança alimenta a mentalidade paranoica. Conforme o autor,

[...] muito mais hoje em dia do que antes, o mundo apresenta-se, para maioria das pessoas, como um “sistema” coberto por uma rede de organização totalmente abrangente, sem buracos onde o indivíduo possa “esconder-se” em face das exigências e testes constantes de uma sociedade governada por uma configuração hierárquica orientada para os negócios, a qual se aproxima muito do que chamamos de “*verwaltete Welt*”, um mundo administrado.

Essa situação real, que tem tantas e tão óbvias similaridades com os sistemas de pensamento paranoico, parece estimular atitudes e padrões de comportamento intelectual compulsivos. A similaridade entre o sistema social e o paranoico consiste não apenas na estrutura fechada e centralizada enquanto tal, mas também no fato do “sistema” para o qual a maioria das pessoas sente que trabalha ter, para elas, um aspecto irracional. Quer dizer, elas se sentem como se tudo estivesse ligado com todo resto, como se não houvesse saída, mas, ao mesmo tempo, percebem que o

mecanismo completo é tão complicado que sua “*raison d’être*” é incompreensível e, mais ainda, suspeitam que essa organização sistemática e fechada da sociedade não serve realmente aos seus desejos e necessidades, mas possui uma qualidade fetichista e “irracional” que se autoperpetua, estranhamente alienada da vida que, dessa forma, está sendo construída. Assim, até mesmo a mente supostamente “normal” está preparada para aceitar sistemas de ilusões, pela simples razão de que é difícil demais distinguir tais sistemas daquele outro, igualmente inexorável e opaco, sob o qual têm de viver suas vidas. Isso é muito bem refletido pela astrologia, assim como pelos dois tipos de Estados totalitários que também afirmam ter uma chave para tudo, conhecer todas as respostas e reduzir o que é complexo a interferências simples e mecânicas, afastando tudo que é estranho e desconhecido, sendo, ao mesmo tempo, incapazes de explicar qualquer coisa.²

A sistematização constante do tecido social, agora conduzida pela lógica neoliberal, preserva e estimula esse traço paranoico por meio da competição desenfreada de todos contra todos. O indivíduo se enxerga como um lobo solitário, cuja existência é, em si, um desafio ao “sistema” que o oprime. Tal comportamento é perceptível em todo o espectro político e social: do “empresário de si”, que busca o triunfo em um sistema excludente ao homem de meia idade saudosista de um passado idealizado que acusa as “mentiras” dos livros de História como responsáveis pela deterioração das regras de convivência das sociedades contemporâneas, sem falar na apropriação contemporânea da estética de décadas passadas (em movimentos como o *vaporwave* e suas versões Trump-Bolso-fascistas) por uma juventude que concilia admiravelmente, de um lado, os jargões ultraliberais como “Imposto é Roubo” e uma revolta difusa contra tudo que consideram como parte do “sistema” e, do outro, com as suas desventuras amorosas e sexuais, vistas como efeito de uma sociedade distorcida, mas cujos “culpados” a serem punidos são as pessoas, não o *ethos* predatório.

Nem mesmo o campo dito progressista escapa desta lógica, mais preocupado com a militância em mídias sociais ou um hiperidentitarismo em suas reivindicações do que com uma análise profunda das contradições que permeiam a racionalidade e modo de vida neoliberais. O “ativista de si” opera um engajamento contra qualquer evento, causa ou situação que desafie seus rígidos ideais ético-morais sobre o tema.

² ADORNO, T. 2008. p. 176-177

Em outras palavras, quanto maior for a crise social, mais “valor” psicossocial terá qualquer suposto triunfo ou êxito, ainda que mínimo, do indivíduo empreendedor à direita ou à esquerda. Logo, um pressuposto do *ethos* neoliberal é a constante piora das condições sociais como forma de valorizar os resultados individuais, independente de sua irrelevância. Para o indivíduo sentir-se um super-herói, todo o mundo precisa ser composto de super-vilões ou de donzelas em perigo. Isso se coaduna com um certo *ethos* da desilusão em relação às possibilidades da organização dos campos sociais.

Esta subjetividade paranoica apresenta uma constituição surpreendente, possibilitada pelo discurso e ideologias da verdade própria e que opera como base para a construção desta forma de vida falsificada e simultaneamente real: o sujeito-padrão conta como integrante da maioria, como indivíduo e como *outsider* ao sistema do qual faz parte e que valida sua existência. Não é uma hiper-diferença, mas uma hiperidentidade. Não é o uno como inferior ao múltiplo, mas este *hiper* como superior a ambos, uma subjetividade que, provocativamente, pode ser expressa pela fórmula **n+1**.

Da pós-verdade à auto-verdade

Ao mesmo tempo, o “objeto-informação” pode ser entendido na contemporaneidade em duas dimensões: a econômica e a estética. A primeira trata de sua produção, distribuição e consumo e é associável ao funcionamento dos *mass media*, como jornais, revistas e televisão, indústrias que necessitam, para gerar mais valor, de uma estrutura de difusão e um público receptor, ainda que de forma mais passiva; a segunda, de sua (re)produção ou representação, sua replicação e sua fruição (ou fetiche), operações que ocorrem no público receptor a partir do momento em que são acionados mecanismos de identificação, diferenciação e status social: à ideia de ser “bem-informado” soma-se a distinção social de tornar-se “fonte” ou referência para os demais. Ambas encontram sua imbricação nas chamadas redes ou mídias sociais e no estabelecimento da chamada pós-verdade.

De acordo com o dicionário Oxford, edição 2017, pós-verdade é um adjetivo “relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos

influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais”. Eventos que simbolizam este conceito são a reação da opinião pública ao referendo de saída do Reino Unido da União Europeia (o *Brexit*), a eleição de Donald Trump como presidente dos EUA e a guerra de informações e difamação que cercou o processo de impeachment e o golpe de estado de 2016 no Brasil que culminou na eleição do inacreditável Jair Bolsonaro à chefia da nação.

O mecanismo de estruturação da mentalidade da pós-verdade opera pela proliferação e compartilhamento de notícias falsas e informações que reforçam as crenças prévias de quem as difunde. A faceta mais visível deste fenômeno está na desconfiança que as pessoas comuns têm em relação aos meios tradicionais de informação. Tanto a mídia tradicional é definida por sua fama de parcialidade que o fenômeno da pós-verdade mostrou-se de grande influência e penetração entre a opinião pública. A pressuposição de veracidade da notícia ou da informação não se dá mais por sua correspondência aos fatos, mas sim à crença prévia do receptor: se a fronteira entre fatos e versões desaparece, todo discurso vira um tipo de venda de ideias concorrendo com os demais, seja na política, na economia, na cultura. A narrativa que melhor for comercializada e absorvida por indivíduos e coletividade é a que tornar-se-á hegemônica, por causa e apesar do grande volume de informações presentes nas redes informacionais e sociais.

Porém, uma narrativa somente atinge a hegemonia se ressoar elementos que até certo ponto já estão presentes no imaginário coletivo e individual. É nesse ponto que é possível falar na produção de uma autoverdade: as emoções e crenças pessoais tornam-se o signo que legitima a informação como verdadeira e válida. Como as emoções são constitutivas da subjetividade, as informações validadas por estas tornam-se, para quem as recebe e processa, elementos fundantes ou balizadores de sua própria personalidade. Qualquer negação ou refutação de tais informações emocionalmente verdadeiras que seja cientificamente ou documentalmente provada é compreendida como ofensa pessoal. Apenas as opiniões, visto que são de certa forma independentes dos fatos, são minimamente aceitáveis por esse sujeito informacional e emocional. O combate à ciência e

ao conhecimento organizado é somente parte do combate a tudo que desagrada o indivíduo em algum nível.

Antipolítica e Guerra Híbrida

As consequências políticas deste processo são desastrosas: se a ideia de que certo nível de reconhecimento entre os indivíduos é necessário para a construção do *socius*, a soma entre a mentalidade de competição desenfreada e a autoverdade radicaliza a dissolução desses laços de reconhecimento. Deve-se entender antipolítica, aqui, não apenas como a ascensão de práticas e discursos que negam as instituições ou mecanismos políticos dentro de um corpo social, mas a própria negação da possibilidade do estabelecimento da vida em comum, a *polis* em seu sentido mais estrito. Cria-se a ilusão no indivíduo de que os sistemas de organização social são as barreiras que impedem seu sucesso e que os demais seres que compartilham o tempo e o espaço onde se vive são os obstáculos a serem superados – de forma bastante análoga ao mecanismo de um jogo eletrônico, onde é necessário triunfar sobre chefes de fase para se chegar a outro nível.

A referencia aos *games* de computador não é estranha ao processo: a ascensão global da Internet e das redes sociais propiciou terreno fértil para novas formas de atuação política, inclusive a da busca da obliteração das formas anteriores ou concomitantes. A ascensão totalitária atual deve muito de sua força ao desenvolvimento das novas formas de guerra, que vão muito além do combate físico – e com muito mais eficácia destruidora. O bombardeio informacional constante, aliado ao processo de produção de autoverdades e à manipulação psicológica do medo e do ódio dentro do tecido social, colocam o indivíduo em um permanente estado de alerta que o torna mais receptivo à tentação do discurso da segurança e do rechaço ao diferente. O uso de perfis falsos (*bots*) para direcionar discussões e sentimentos no corpo social, a espetacularização do jogo político (de vazamentos a grampos e prisões, passando pela transformação da política em performance na ascensão de líderes controversos) e o mapeamento e coleta maciça de informações por parte de empresas e governos (o chamado *big data mining*) mostra que este processo é calculado em detalhes. Mas qual o resultado pretendido? Possivelmente a reordenação econômico-política do

mundo, com o controle de recursos naturais e a implantação do chamado capitalismo de desastre, mas não mais pela força física ou armamentista, e sim pela força psicossocial. Se a Indústria Cultural era acusada de moldar as reações do sujeito ao promover sua apatia, sua nova vertente pratica a mesma moldagem dando-lhe a ilusão do engajamento e da ação.

O clima de incerteza constante provocado, divulgado e amplificado nas redes provoca, majoritariamente, dois tipos de reação: o imobilismo e a fúria. Imobilismo dos que buscam uma forma de enfrentar o monstro (como vencer um inimigo que ataca em todas as frentes?) e a fúria que abastece a adesão de parte da população às políticas autoritárias (o estado de mobilização total como descrito por Junger). O senso de coesão social dá-se pelo ódio. A única verdade absoluta é a perpétua sensação de que o mundo se dissolve, logo, a vida *fake* é um modo de vida pensado para lidar com essa sensação. Por ser uma estratégia de manipulação emocional, o pensamento racional, sozinho, não dá conta de detê-la. Como disse Adorno, “há horas em que nada é mais estúpido do que ser inteligente”.

Marcos teóricos

Para orientar a rota a ser trilhada, será realizada uma abordagem múltipla que terá como referenciais teóricos iniciais os estudos de Teoria Crítica sobre cultura, sociedade e ideologia (partindo de Adorno e Marcuse e fazendo recurso à produção contemporânea da chamada Escola de Frankfurt) e a discussão sobre Sociedades de Controle a partir do que é descrito por Deleuze. Como pano de fundo, as mutações do capitalismo desde o século XIX até a ascensão de sua vertente autoritária atual, baseados principalmente no pensamento marxiano. Entender as mutações nas formas de produção e acumulação de capital é mister para entender as mutações nas formas de produção das subjetividades-mercadoria – e de como tais subjetividades podem ser capturadas e criadas para a produção dos soldados-mercadoria, sujeitos que se encontram em permanente estado psicológico de guerra contra qualquer um que possa representar ameaça ao amálgama capital-autoritarismo. Os trabalhos da filósofa Naomi Klein, do filósofo Byung-Chul Han e dos sociólogos Pierre Dardot e Christian Laval permitirão avançar neste entendimento.

É, também, muito importante pensar tais situações por uma perspectiva brasileira e latina. Para isso, serão trazidas ao debate elementos da produção intelectual brasileira e latino-americana sobre o autoritarismo, capitalismo e política. A construção do autoritarismo como um elemento de coesão do sistema social brasileiro é mapeado nas análises de Marilena Chauí sobre política, liberdade e ideologia. O profundo trabalho de Paulo Arantes sobre a deterioração da sociedade brasileira como um elemento crucial na construção de uma nova forma de obtenção de mais-valor, apontando o potencial do caos como estratégia de geração de lucros, deve ser levado em conta – principalmente se notarmos que experimentos sociais como as UPPs (unidades de Polícia Pacificadora) podem funcionar como meios de controle de populações inteiras em situações-limite, nas quais a desigualdade atinja níveis perigosos para a manutenção do sistema.

Por fim, que estratégias de construção de um novo tecido social podem ser propostas como alternativas de um rearranjo neste quadro caótico? Pode-se partir da abordagem de Dardot e Laval sobre o conceito de Comum, por exemplo, assim como da dupla aposta feita por Vladimir Safatle sobre a impossibilidade da reconstrução das estruturas sociopolíticas existentes no Brasil e, ao mesmo tempo, a necessidade da criação de novos “circuitos de afetos” com o poder de modificarem as relações de forças que sustentam o autoritarismo em nossa sociedade - autoritarismo que, hoje em dia, emana da própria população.

Estrutura da pesquisa

Como combater em tempos de guerra híbrida? Como romper o insulamento do indivíduo que o torna presa fácil para a manipulação? Que estratégias os movimentos sociais e os indivíduos devem criar para operar em um cenário de caos constante e controlado?

É nosso pensamento que uma possibilidade de criação de estratégias para lidar com o problema está na atuação nos movimentos estudantis, por seu pertencimento a um ambiente no qual o uso das tecnologias é elemento constitutivo da realidade. As ocupações realizadas durante o governo Temer e após o golpe de estado de 2016, apesar de acirrarem os ânimos de parte da população, encontraram eco e acolhida em setores que, em momentos

anteriores, posicionaram-se com desconfiança em relação às pautas progressistas.

Três campos e momentos deverão ocorrer no decorrer do projeto, sendo que cada um visa compreender uma ou mais facetas do fenômeno

Estágio 1 – Uma investigação sobre a difusão do *Fake*

Neste momento, será arregimentado o referencial teórico-prático (nas áreas da filosofia, comunicação, economia política da informação) para compreender o mecanismo de propagação de Fake News, pós-verdade e do ideário obscurantista, com foco na dimensão social, política e ética deste problema. A pergunta que norteia esta análise é a que se segue:

O que faz as informações sabidamente falsas mais aceitáveis do que as verdadeiras (mesmo que estas sejam menos complexas, mais verificáveis e mais claras – ou seja, de validade superior – do que as primeiras?)

Alguns tópicos a serem elencados são:

- Virando Nietzsche de cabeça para baixo: não há interpretações, somente verdades próprias?
- A auto-verdade e o mundo material, combinados, gerariam uma auto-realidade?
- A sobrecarga de informação e a Internet: tecnologia como ferramenta, não como culpada.
- Uma guerra em nossas cabeças: entendendo a Guerra Híbrida e o *affair* Steve Bannon/Cambridge Analytica.
- O poder do *fake* sobre a realidade não é um poder *fake*.

Estágio 2 - Sedução concreta: as dimensões subjetiva e material do *Fake*

Neste estágio, busca-se a investigação e conceituação dos processos de recepção dessa vida *fake* e de que formas isso se imiscui nas relações sociais, pensando na dimensão subjetiva do processo. A questão motriz é:

Por que razão prefere-se o *fake*? O que o *fake* e a pós-verdade evocam em indivíduos, grupos e nas massas para tornarem-se

materialmente verdadeiras, ou tornarem-se auto-verdades e auto-realidades?

Tópicos possíveis:

- *Fake self*
- Economia política do *like* e economia política do *hate*
- Desejo e contra-desejo (ou como um desejo não é somente de libertação)
- Ressentimento e a revolta dos que perderam sentido
- O *fake* é a realidade

Estágio 3 - Contra-estratégias de (re)informação

A partir de uma observação detalhada da produção bibliográfica que mapeia os conceitos de guerra híbrida, doutrina do choque e os levantes estudantis no Brasil, levando em conta os estudos sociológicos e filosóficos sobre tais temas, a pergunta fundamental é:

Que ações e discursos devemos desenvolver para superar a tentação da ação e discurso autoritário?

Abre-se a possibilidade de fazer uma investigação direta com grupos estudantis, pois este setor social tem a tecnologia e as redes de informação como elementos constituintes de sua ação pessoal e social. Da mesma forma, há extenso material sobre guerra híbrida disponibilizado por grupos de estudos voltados ao tema em SP, PR, MG e RJ, com os quais pode ser feito contato para compartilhamento de informações. Alguns tópicos a serem abordados:

- Uma gramática de (r)evolução?
- Lugares de fala e de escuta.
- Contra a pós-verdade, o aceleracionismo do caos ou o inglório retorno da verdade? E em que bases ambos podem ocorrer?
- Se queres paz, prepara-te para a guerra: como sobreviver à guerra híbrida.

Planejamento:

A previsão inicial para o desenvolvimento dos elementos-chave da pesquisa é de dois anos e seis meses, visto que a pesquisa dar-se-á sem ônus para o Departamento ou qualquer agência de fomento, de acordo com o prescrito na Resolução CoPq nº 7406, artigo 3º, item III (sobre participação sem bolsa) e nos artigos diretamente derivados deste. Desta forma, o cronograma foi pensado para permitir a conciliação entre atividades profissionais remuneradas e atividades de pesquisa interna e, quando necessário e devidamente autorizado, externas.

Propostas de publicação e materialização

Publicação de quatro artigos científicos sobre os temas abordados.

Produção de ao menos um livro como resultado da pesquisa.

Orientação, co-orientação e consultoria a projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses que dialoguem com as temáticas abordadas, tanto no departamento de Filosofia da FFLCH como em outros departamentos e instituições onde isso seja possível de acordo com as regras do regimento.

Oferta de cursos de extensão e ciclos de seminários sobre o tema no Departamento de Filosofia da FFLCH/USP (Graduação e pós-graduação) com abertura para estudantes de outros departamentos.

Caso possível, oferta de cursos e/ou disciplinas nos cursos de Graduação e Pós-graduação dos departamentos de Filosofia em outras instituições e na instituição onde o pesquisador exerce atividade profissional remunerada (de acordo com regras de convênio que possam existir a respeito e com a devida autorização da Supervisão e da Coordenação para atividades de campo e/ou externas).

Input teórico para colaborar na formatação de metodologias e práticas de ação contra o autoritarismo.

Cronograma aproximado

Primeiro semestre

- Levantamento bibliográfico e fichamento de obras

- Levantamento de dados compilados por grupos de estudo sobre Guerra Híbrida
- Preparação de artigo sobre o tema para apresentação no XIX Encontro da ANPOF.
- Apresentação do projeto e de seu desenvolvimento em grupos de estudo e pesquisa no âmbito da FFLCH/USP ou similar.

Segundo semestre

- Levantamento bibliográfico e fichamento de obras
- Levantamento de dados compilados por grupos de estudo sobre Guerra Híbrida
- Elaboração e aplicação de curso de extensão e/ou ciclo de seminários no âmbito do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP e/ou em instituição de ensino superior.
- Artigo sobre o desenvolvimento da pesquisa em revista Qualis B2 ou superior.
- Apresentação em eventos científicos, conferências, palestras.

Terceiro semestre

- Levantamento bibliográfico e fichamento de obras
- Levantamento de dados compilados por grupos de estudo sobre Guerra Híbrida
- Elaboração e co-docência de disciplina de pós-graduação no âmbito do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP e/ou em instituição de ensino superior.
- Apresentação em eventos científicos, conferências, palestras.

Quarto semestre

- Elaboração de texto autoral visando a produção de livro sobre o objeto de pesquisa.
- Apresentação em eventos científicos, conferências, palestras.
- Artigo sobre o desenvolvimento da pesquisa – com foco em Guerra Híbrida - em revista Qualis B2 ou superior.
- Apresentação em eventos, conferências, palestras.

Quinto e/ou sexto semestres

- Conclusão de livro sobre o resultado da pesquisa.
- Apresentação dos resultados da pesquisa no XX Encontro ANPOF
- Apresentação em eventos científicos, conferências, palestras.
- Elaboração e co-docência de disciplina de pós-graduação e/ou curso de extensão no âmbito do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP e/ou em instituição de ensino superior.
- Artigo sobre os resultados da pesquisa em revista Qualis B2 ou superior.

- Relatório final.

Referências

- ADORNO, T. W. **As estrelas descem à Terra**. Trad. Pedro Rocha de Oliveira. SP: Ed. Unesp, 2008
- _____, **Educação e emancipação**. 3ª ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. SP : Paz e Terra, 2003
- _____, **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. SP : Ed. Unesp, 2015
- _____, **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Trad. Francisco Lopez Toledo Correa, Virginia Helena Ferreira da Costa, Carlos Henrique Pissardo. SP : Ed. Unesp, 2019
- _____, **Indústria Cultural e sociedade**. 2ª edição. SP : Paz e Terra, 2004
- _____, **Teoria Estética**. Lisboa : Edições 70, 1988
- _____, **The authoritarian personality**. *The authoritarian personality, studies in prejudice series*. Nova York, 1950. v. 1. Disponível em: <<http://www.ajcarchives.org/main.php?GroupingId=6490>>.
- ADORNO, T.W.; BENJAMIN, W. **Correspondência 1928-1940**. SP : Ed. Unesp, 2012
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. RJ : Jorge Zahar Editor, 1985
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa : Editorial Presença, 1970
- ALVES, G. **O que é o precariado**. Blog da Boitempo. Acesso em 04 abr. 2016. Disp. em <http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/22/o-que-e-o-precariado/>
- ANDERSON, K. **Marx at the margins. On Nationalism, Ethnicity and Non-western Societies**. Chicago : University of Chicago Press, 2010
- ÂNGELO, M. **Biopolítica e sociedade de controle: Notas sobre a crítica do sujeito entre Foucault e Deleuze**. Disp. http://www.revistacinetica.com.br/cep/miguel_angelo.pdf
- ARANTES, P. E. **O novo tempo do mundo** e outros estudos sobre a era da emergência. SP : Boitempo, 2014
- _____, **Ressentimento da Dialética**. SP : Paz e Terra, 1996
- BARBOSA, C.M.; POLEWKA, G. **Juristocracia no Brasil: a perspectiva de Ran Hirschl sobre o empoderamento judicial**. In BARBOSA, C.M.;FREITAS, S.H.Z.; SILVA, L.G. (orgs.) Política judiciária, gestão e administração da justiça. XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA (anais). Belo Horizonte : EdUFMG, 2015
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. RJ : Zahar, 2008
- _____, **Modernidade líquida**. RJ : Jorge Zahar Editor, 1998
- _____, **O Mal-estar da pós-modernidade**. RJ : Zahar, 2002
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. SP : Brasiliense, 1985
- _____, **O Anjo da História**. Coleção Filô. Trad. João Barrento. Belo Horizonte : Autêntica, 2012
- _____, **O capitalismo como religião**. SP : Boitempo, 2013
- BENSAID, D. **Eloge de la politique profane**. Paris : Alban Michel, 2008
- CANEVACCI, M. (org.) **Dialética do Indivíduo: o indivíduo na natureza,**

história e cultura. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. SP : Brasiliense, 1981

CHAUÍ, M. **A ideologia da competência.** Escritos de Marilena Chauí v.3. Belo Horizonte : Autêntica, 2014

_____, **Conformismo e resistência.** Escritos de Marilena Chauí v.4. Belo Horizonte : Autêntica, 2014

_____, **Contra a servidão voluntária.** Escritos de Marilena Chauí v.1. Belo Horizonte : Autêntica, 2014

_____, **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática.** Escritos de Marilena Chauí v. 6. Belo Horizonte : Autêntica, 2018

_____, **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro.** Escritos de Marilena Chauí v.2. Belo Horizonte : Autêntica, 2014

_____, “Pela responsabilidade intelectual e política”. Entrevista. **Revista CULT**, ed.182.Ano 16.Ago.2013.pp 06-15

_____, **Sobre a Violência.** Escritos de Marilena Chauí v.5. Belo Horizonte : Autêntica, 2017

CUNHA, D.S. **Positividade, Transparência e Controlo. A Sociedade da Transparência.** *Comunicação Pública* [Online], V.10 nº17 | 2015. Disp. <http://cp.revues.org/913>

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** SP : Boitempo, 2016

_____, Propriedade, apropriação social e instituição do comum. Trad. Naira P, dos Santos. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, V. 27, nº 1, 2015, pp 261-273

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo.** Copyleft. Disp. em www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf

DELEUZE, G. **Derrames: entre el capitalismo y la esquizofrenía.** Buenos Aires : Cactus, 2010

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia.** SP : Editora 34, 2010

_____, **Mil Platôs - Vols. 1-5.** SP : Editora 34, 1995

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma.** Prefácio Vladimir Safatle. SP : Boitempo, 2015

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: vol. 1. A Vontade de saber.** 19ª edição. RJ, Graal : 1998

_____, **Vigiar e Punir.** 41ª edição. SP. Vozes : 1987

_____, **Nascimento da biopolítica – curso dado no Collège de France (1978-1979).** SP : Martins Fontes, 2008

FRASER, N. *O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história.* **Revista Mediações (UEL).** V. 14, nº2, 2009. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p11>

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923).** Coleção Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 15. SP : Companhia das Letras, 2011

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.** Trad. Suely Rolnik. São Paulo : Brasiliense, 1981

HAN, B-C. **A sociedade do cansaço.** SP, Vozes : 2015

_____, **La Agonia del Eros.** Madri, Herder : 2013a

_____, **La Sociedade de la Transparencia.** Madri, Herder : 2013b

_____, **Psicopolítica.** Madri, Herder : 2013c

_____, **Topology of violence.** Boston : MIT Press, 2018

HARDT, M.; NEGRI, A. **Empire**. Cambridge : Harvard University Press, 2000

_____, **Multidão – Guerra e Democracia na era do Império**. RJ : Record, 2005

HARVEY, D. **The condition of post-modernity: an enquiry into the Origins of Cultural Change**. 2ª edição. Cambridge : Blackwell, 1990

HIRSCHL, R. **Towards juristocracy: The origins and consequences of the new constitutionalism**. Cambridge : First Harvard University Press, 2004.

KLEIN, N. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. SP : Nova Fronteira, 2008

LAZZARATO, M. **As Revoluções do Capitalismo**, trad. de Leonora Corsini. SP : Record, 2006

LOPES, R. S. **Informação, Conhecimento e Valor**. SP : Radical, 2007

LOREY, I. **State of Insecurity: Government of the Precarious**. Londres : Verso, 2015

MARX, K. **Grundrisse**. Trad. Mario Duayer, Nélio Schneider, Alice Werner e Rudiger Hoffman. SP : Boitempo, 2011

_____, Manuscritos Econômicos e Filosóficos. in: **Os Pensadores. Marx**. SP : Abril Cultural, 1974.

_____, **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. SP : Boitempo, 2004

_____, **Miséria da Filosofia**. SP : Martin Claret, 2000

_____, **O Capital – Vol. 1**. O Processo de produção do Capital. Prefácio: Jacob Gorender e Louis Althusser. Posfácio Francisco de Oliveira. SP : Boitempo, 2013

_____, **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Prefácio Octavio Ianni. RJ : Paz e Terra, 1974

_____, **Sobre o suicídio**. SP : Boitempo, 2015

MATOS, O. **A Democracia pós-moderna**. Artigo disp em www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4480

MBEMBE, J-A. **Necropolitics**. Public Culture, Volume 15, Number 1, Winter 2003, pp. 11-40 (Article) . Duke University Press. Disp. em www2.warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/pg/masters/modules/postcol_theory/mbembe_22necropolitics22.pdf

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. Porto : Escorpião, 1974

SAFATLE, V. P. **Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno**. Belo Horizonte : Autêntica, 2019

_____, **O circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. SP : CosacNaify, 2015

_____, **Pós-modernidade: utopia do capitalismo**. Revista Virtual Trópico, 2002

_____, **Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência**. São Paulo : n-1 edições, 2016

_____, **Só mais um esforço**. São Paulo : Três Estrelas, 2017

_____, **Um dia, essa luta iria ocorrer**. São Paulo : n-1 edições, 2018

SIQUEIRA, M. **Capitalismo cognitivo, trabalho imaterial e general intellect**. Políticas Culturais em Revista, 1 (2), p. 20-40, 2009. Disp. Em www.politicasculturaisemrevista.ufba.br

STANDING, G. **The Precariat**. Londres, Bloomsbury : 2011